

# Descrência numa recuperação consistente

Entre os analistas de linha heterodoxa consultados por *Conjuntura Econômica*, o diagnóstico é de que ainda não há sinais consistentes de recuperação econômica. “Seria de se esperar um crescimento melhor que o atual em 2017, mas ainda é muito tênue”, diz o economista Luiz Fernando de Paula, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e ex-presidente da Associação Keynesiana Brasileira, ressaltando que a conjuntura internacional é benigna, o que não acontecia em 2015 quando o governo da ex-presidente Dilma Rousseff elevou os juros, que juntamente com a desvalorização cambial aumentou dívidas, e tentou fazer um ajuste fiscal em meio a uma crise hídrica, deterioração dos termos de troca, tudo agravado pelos efeitos da Operação Lava Jato e acabou aprofundando a recessão que já estava em curso. “De certa forma, vivemos um conjunto de choques”, disse.

A liberação do FGTS este ano trouxe um certo alívio para pagamento de dívidas e algum consumo, mas, segundo a avaliação de Paula, a diluição dos efeitos negativos do passado mais o cenário externo favorável, a queda da inflação e o choque positivo de alimentos não foram aproveitados, sendo a principal causa a demora em reduzir a taxa de juros. E pior, a situa-

ção política segue complexa, com um governo fraco tentando negociar com o Congresso Nacional para manter um mínimo de governabilidade.

Em concordância com a avaliação geral, ele entende que se passar alguma coisa da reforma da Previdência será muito pouco que, quanto ao teto dos gastos, a estratégia seria olhar o curto prazo e deixar para seus operadores avaliarem mais à frente como irá ficar. “O mercado trabalha com ondas de expectativas e neste momento quer calma no horizonte de um ano. Para isso, a aprovação do teto foi positiva”, ponderou.

Diretor do Brasil no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) por quatro anos, até junho de 2016, o economista Ricardo Carneiro, professor da Universidade de Campinas (Unicamp), também não acredita em recuperação consistente da economia neste e nem no próximo ano, avaliando que o cenário está mais para estagnação, com crescimento de 0,5% este ano e em torno de 1% em 2018, com o PIB *per capita* ficando negativo este ano e estagnado no próximo. “Estabilizamos no fundo do poço após perder mais de 8% em dois anos”, disse.

Carneiro disse que “a economia brasileira tem, por si só, mecanismos de estabilização”, incluindo os gastos

públicos e, no caso presente, a safra agrícola recorde, cujo impacto forte foi em razão direta do patamar muito baixo em que se encontrava a atividade em geral. A dificuldade para um crescimento mais robusto no curto e médio prazo viria de todas as frentes. “O setor público, as famílias e as empresas seguem endividados e a massa de rendimentos está baixa. Fica difícil crescer”, analisou.

Para o economista da Unicamp, o vetor externo é favorável, mas tem seus complicadores. Apesar do crescimento constatado nas principais economias, o comércio mundial perdeu a elasticidade que ostentava no passado e hoje cresce no mesmo patamar do PIB mundial, sendo menos eficiente como alavancador de uma retomada. De positivo, Carneiro enxerga a elevada liquidez internacional provocada pelos juros baixos nos Estados Unidos e o consequente enfraquecimento do dólar.

De acordo com sua avaliação, a exuberância da bolsa brasileira, assim como o câmbio bem-comportado, está relacionada com este ciclo de liquidez internacional. “Por que os juros longos americanos não reagiram? Por quanto tempo permanecerão assim? Não se tem a mínima ideia”, pergunta e responde. (C.S.)